

JOÃO BATISTA E JESUS: DOIS PROFETAS REJEITADOS

Um estudo de Mateus 11,2-19

José Adriano Filho

No relato de Mateus 11,2-19, os personagens interessados em Jesus dirigem-se até Ele com uma pergunta, na expectativa de terem uma solução. João, preso e encarcerado por ordem de Herodes Antipas, aguardava por sua sorte; encontrava-se ainda com vida, mas sem liberdade. O silêncio de João contrasta com as demais referências existentes no Novo Testamento onde, sem vacilar, ele exalta a dignidade de Jesus. Ao apresentar Jesus falando com os emissários de João, Mateus indica uma relação baseada no diálogo entre o movimento de João Batista e o de Jesus, no qual, do lado dos seguidores de João, predomina a dúvida e a incerteza; inseguranças oriundas da própria condição em que se encontravam, após o vazio deixado pelo seu líder e na demora quanto à realização do julgamento de Israel nos termos da escatologia de João. No desenvolvimento do texto, vemos também a acentuada rejeição desses dois profetas.

1. Vejamos o texto¹:

²João, ouvindo falar, na prisão, a respeito das obras de Cristo, enviou-lhe alguns dos seus discípulos para lhe perguntarem: ³“És tu aquele que há de vir, ou devemos esperar outro?” ⁴Jesus respondeu-lhes: “Ide contar a João o que ouvís e vedes: ⁵os cegos recuperam a vista, os coxos andam, os leprosos são purificados e os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e os pobres são evangelizados. ⁶E bem-aventurado aquele que não se escandalizar por causa de mim!” ⁷Ao partirem eles, começou Jesus a falar a respeito de João às multidões: “Que fostes ver no deserto? Um caniço agitado pelo vento? ⁸Mas que fostes ver? Um homem vestido de roupas finas? Mas os que vestem roupas finas vivem nos palácios dos reis. ⁹Então, que fostes ver? Um profeta? Eu vos afirmo que sim, e mais do que um profeta. ¹⁰É dele que está escrito: Eis que envio o meu mensageiro à tua frente; ele preparará o teu caminho diante de ti. ¹¹Em verdade vos digo que, entre os nascidos de mulher, não surgiu nenhum maior do que João, o Batista, e, no entanto, o menor no Reino dos Céus é maior do que ele. ¹²Desde os dias de João Batista até agora, o Reino dos Céus sofre violência, e os violentos se apoderam dele. ¹³Porque todos os profetas bem como a Lei profetizaram, até João. ¹⁴E, se quiserdes dar crédito, ele é o Elias que deve vir. ¹⁵Quem tem ouvidos, ouça! ¹⁶A quem compararei esta geração: ela é como crianças sentadas nas praças, a desafiarem-se mutuamente: ¹⁷‘Nós vos tocamos flauta e não dançastes. Entoamos lamentações, e não batestes no peito!’ ¹⁸Com efeito, veio João, que não come nem bebe, e dizem: ‘Um demônio está nele’.

1. Texto da tradução segundo a Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 5ª impressão, 2008.

¹⁹Veio o Filho do Homem, que come e bebe, e dizem: ‘Eis aí um glutão e beberrão, amigo de publicanos e pecadores’. Mas a Sabedoria foi justificada pelas suas obras”.

2. Pergunta de João sobre a identidade de Jesus (11,2-6)

João Batista estava preso e, ouvindo na prisão a respeito das obras de Cristo, “enviou-lhe alguns dos seus discípulos para lhe perguntarem: És tu aquele que há de vir, ou devemos esperar outro?” A questão é apresentada a Jesus pelos seus discípulos, pois, além de João estar preso e não poder encontrar-se com Jesus, seus discípulos conheciam a situação e o problema, ou seja, perguntam se ele era aquele que viria e realizaria o batismo escatológico de Israel com o Espírito Santo e com fogo; Lucas afirma que a iniciativa do envio da embaixada partiu do próprio João, mas pela importância e tipo de interesse que este assunto representava para João esta conversa mereceria seu deslocamento até o local em que Jesus se encontrava. Mateus enxerga este ponto crucial para a narrativa, ainda mais que no seu evangelho os dois líderes já se conheciam antes numa relação de respeitosa deferência de um para com o outro.

A resposta mostra as ações que Jesus iniciou em Israel. Jesus instrui os discípulos de João: “Ide contar a João o que ouvís e vedes”. Ele descreve seu ministério de misericórdia para com os marginalizados. A resposta à pergunta de João está nas ações que resultam do ministério de Jesus: seis substantivos são nomeados, dos quais, quatro deles, inspirados no livro de Isaías, retratam os resultados obtidos pela intervenção do seu líder: “cegos que recobram a vista” (Is 35,5); “cochos que andam” (35,60); “surdos que ouvem” (35,5); “mortos que ressuscitam” (29,18-19). São nomeados os leprosos, o que revela uma grande novidade adotada pelo movimento de Jesus, ao incorporá-los no rol dos personagens existentes no livro de Isaías. Jesus instaura a vontade de Deus, abraça os marginalizados, desafia o poder e os interesses egoístas da elite e cria novos papéis sociais para alguns.

Não há, portanto, uma única indicação apontando qual teria sido o posicionamento de Jesus em relação “ao que vem”, de forma a clarear a questão, especificamente messiânica, colocada pelos emissários; é importante perceber que não havia uma expectativa uniforme a respeito do Messias no judaísmo da época de Jesus e a resposta à questão colocada pelos discípulos de João reflete as expectativas da comunidade de Mateus associadas à vinda do “que há de vir”. Não se pode deduzir qualquer sentido mais preciso do conteúdo que os emissários de João “ouviram”. O que ficou em cena foram as ações de Cristo que “viram”. Assim, diante da pergunta “quem és tu”, só se pode concluir que, se houve uma resposta, ela foi dada de forma indireta, de modo a sugerir a identificação de Jesus com o profeta ungido pelo Espírito de Javé.

Não há também indicação de como a resposta de Jesus foi recebida por João ou seus discípulos. Pelo que ouviram e viram, os representantes de João saíram como haviam entrado, algo próximo de decepcionados. É certo que, na condição de emissários, não estavam autorizados a tomar naquele momento uma decisão pelo grupo. O problema está no fato de que Jesus não falou nada. Nada além do que os emissários já sabiam e nenhuma palavra voltada especificamente para a questão por eles formulada.

Jesus enfatiza o reconhecimento de suas ações e a resposta a estas: “E bem-aventurado aquele que não se escandalizar por causa de mim!” Ao utilizar uma bem-aventurança, Jesus anuncia o que Deus considera honesto. Declara o favor de Deus em uma situação presente, promete reviravolta ou recompensa futura e exorta os ouvintes a viverem conseqüentemente. As ações de Jesus atestam sua identidade e expressam sua comissão como Cristo, o ungido por Deus para manifestar o reinado de Deus sobre tudo o que se opõe aos propósitos vivificadores de Deus: pecado, diabo e demônios, a elite sociopolítica e religiosa, a morte, isto é, todas as forças que impedem ao ser humano viver uma vida digna e íntegra.

3. Jesus fala às multidões sobre a identidade de João (11,7-15)

Quando os discípulos de João partiram, Jesus começou a falar às multidões a respeito de João. O cenário do texto é composto por dois tipos de figurantes: Jesus e a multidão. Os emissários de João já tinham se afastado. Era, portanto, uma conversa interna, reservada ao círculo dos próximos de Jesus. Mateus “revela neste instante que a multidão estava presente quando da visita dos representantes do Batista, não revelando nenhum clima de estupefação no meio da multidão, nem ocorrido nada de especial no momento da estadia dos emissários de João”.

Os papéis se invertem: “João, o questionador, se converte no foco das seis perguntas rápidas de Jesus, quando Jesus, o questionado, urge as multidões a compreender a identidade e missão de João”.

A primeira pergunta: “Que fostes ver no deserto?”, relembra o chamado de João ao arrependimento e a testemunhar Jesus, bem como sua localização e *status* marginal.

A segunda pergunta oferece uma resposta possível: “Um caniço agitado pelo vento?”; os juncos eram uma imagem comum no vale do Jordão, mas o termo possui um rico simbolismo; em 3Macabeus 2,2 é imagem do castigo de Deus do tirano Ptolomeu Filopátor; o junco era também o símbolo de Herodes Antipas nas moedas comemorativas da fundação de Tiberíades. João desafiou e entrou em conflito com a elite religiosa e política incluindo Herodes Antipas. Saíram eles para ver Herodes “agitado”, atacado pela crítica de João ao poder urbano, à riqueza e à aliança com Roma?

A terceira pergunta repete a primeira e retorna ao assunto da identidade de João: “Mas que fostes ver?”

A quarta pergunta de Jesus é irônica: “Um homem vestido de roupas finas?” A expectativa de roupas luxuosas, sinais de *status* da elite, riqueza e tirania, enfatiza a postura profética de João voltada para a elite. Seu vestuário não é convencional e assemelha ao de Elias, que confrontou o Rei Acab e Jezabel. O comentário de Jesus critica qualquer pensamento de aliança de João com a elite: “Mas os que vestem roupas finas vivem nos palácios dos reis”. Critica também “lugares de poder e luxo, não o deserto que João frequenta”.

A quinta pergunta: “Então, que fostes ver?” Esta pergunta prepara em silêncio a última.

A sexta nomeia a identidade de João: “Um profeta?”, termo que tem grande significado na tradição bíblica: os profetas bíblicos criticaram funcionários, estruturas e práticas político-econômicas e religiosas; os leitores do Evangelho sabem que João é um profeta que rejeita o *status quo* e anuncia o arrependimento para preparar a iminente intervenção de Deus, que manifestará seu reinado sobre todos os que se lhe opõem.

As perguntas de Jesus confirmam tudo isso: “João é mais do que um profeta”. O papel “mais do que um profeta” é clarificado pela Escritura e é indicado na preparação do ministério de Jesus: “Eis que envio o meu mensageiro diante de ti” (Ex 23,20), um versículo que tem novos significados no contexto de Mateus. Um versículo acerca de ti torna-se um versículo acerca de Jesus. O que permanece é o modo de agir de Jesus. Assim como o mensageiro prepara para entrar na terra, assim Deus envia João para prepará-los para entrar no império de Deus revelado por Jesus. Malaquias 4,5 fala sobre o juízo vindouro de Deus e um mensageiro, Elias, enviado a preparar o povo. Subtende-se que agora o versículo fala de João e de sua tarefa de preparar a vinda de Jesus (Mt 3,1-12). João prepara o caminho para Jesus, um eco de Isaías 40,3, o que relembra a libertação do povo do exílio babilônico. João prepara o caminho para que a obra salvífica de Deus continue em um mundo dominado por Roma.

A multidão faz parte do debate, mas permanece calada o tempo todo, enquanto Jesus a bombardeia num tom provocante com sucessivas perguntas, Ele próprio dando as respostas no lugar dos ouvintes, até que o clímax da discussão chega a um clímax, de modo a fazer surgir a resposta para a identificação do que está em jogo: “João é “maior do que um profeta”. Até então, neste jogo de perguntas e repostas não se nota a presença de nenhum conceito de ordem cristológica. Chega-se à definição de João sem que seja preciso o emprego de qualquer categoria veterotestamentária, tais como mensageiro e precursor. Os membros da comunidade constituída, sob a denominação de multidão, tendo Jesus à sua frente, são unânimes na concordância quanto à compreensão de tratar-se de João, o Batista: ele não é um qualquer e, tampouco, não faz parte ou está comprometido com a classe dominante, que tem ligações com o poder político romano.

Jesus afirma o papel especial de João de preparar o povo para a missão de Jesus: “Em verdade vos digo que, entre os nascidos de mulher, não surgiu nenhum maior do que João, o Batista, e, no entanto, o menor no Reino dos Céus é maior do que ele”. João é uma figura profética e o ministério de Jesus está ligado ao seu, mas ninguém é membro do Reino dos Céus sendo somente seguidor de João Batista. Há continuidade e relação entre movimentos de João e de Jesus, mas no relato de Mateus eles não são iguais. Os dois líderes e seus respectivos movimentos são diferentes. Seguir João Batista ou abraçar sua mensagem não é o mesmo que ser membro da comunidade de Mateus. Embora João tenha sido grande, Mateus e outras tradições cristãs do cristianismo do primeiro século enfatizam esse aspecto sobre João Batista e seu movimento.

Contudo, apesar da importância desses dois profetas nos propósitos de Deus, ambos conheceram oposição violenta: “Desde os dias de João Batista até agora, o Reino dos Céus sofre violência, e os violentos se apoderam dele” (Mt 11,12). A manifestação do Reinado de Deus em palavras e ações provoca resistência. Herodes e os líderes

religiosos se opõem a João; Herodes, o diabo, demônios, líderes religiosos aliados com Roma e as multidões se opõem a Jesus; famílias, conselhos judaicos e reis e governadores pagãos agridem os discípulos. Os poderosos protegem seus interesses e resistem ao clamor e vitória final de Deus. Segundo Ezequiel 34, os líderes não põem em prática a vontade de Deus: defendem seu próprio bem-estar, mas não fortalecem os fracos, nem curam os enfermos, nem trazem de volta os perdidos, mas governam com força e brutalidade.

Quando Mateus afirma que “o Reino dos Céus sofre violência”, indica que os membros da sua comunidade sofreram e sofrem violência. Esta realidade deve ter criado considerável dissonância para alguns membros da comunidade. Certamente a violência e a perseguição sofrida levaram alguns membros a duvidar que tinham feito a escolha certa. Parece que Mateus e outros líderes centralizados no judaísmo de Jesus apresentam uma defesa do que estava acontecendo a eles e a seu povo. Mateus explica e justifica essa realidade ao ligá-la à violência cometida contra duas das mais proeminentes pessoas na sua época: João Batista e Jesus. A perseguição e violência eram parte do processo que começou com João, continuou com Jesus e agora alcançava a comunidade de Mateus. O sofrimento dos membros da comunidade de Mateus e de seus líderes estava ligado à chegada do fim e o cumprimento de suas esperanças para com Israel. A violência contra os membros da comunidade e o Reinado estava associada apocalipticamente, ou seja, a perseguição cessaria logo e representava a aurora do cumprimento de suas expectativas. Diversas tradições apocalípticas esperavam que um tempo de dores de parto ou maldições escatológicas, um conflito intensificado entre o bem e o mal, precederia o estabelecimento do Reinado de Deus. O evangelista Mateus conecta a violência contra o reino e as suas esperanças apocalípticas.

A ligação de João com o império de Deus e sua rejeição violenta e a de Jesus é explicada por meio da expressão: “Porque todos os profetas bem como a Lei profetizaram, até João”. A ordem incomum dos profetas que precederam a Lei enfatiza a função profética de toda a tradição. Prepara e confirma agora o papel essencial de João e a rejeição de João e de Jesus. A declaração: “E, se quiserdes dar crédito, ele é o Elias que deve vir. Quem tem ouvidos, ouça!”, retorna à citação de Malaquias 3,1 e 4,5, que advertia e anunciava um mensageiro, Elias, para preparar o povo. João realiza o que Malaquias predisse. Ele executa o papel profético de Elias. Esta identificação é importante, pois compreender o papel de João como mensageiro que prepara a vida de Deus capacita para compreender a identidade de Jesus, que nesse se manifestam a presença e reinado de Deus. Compreender a identidade de João leva as pessoas a responder apropriadamente a Jesus. “Ter ouvidos” significa discernir o significado.

4. A resposta negativa e a rejeição de ambos (11,16-19)

A fórmula empregada por Jesus predomina nas ações legais de Deus contra o povo (Is 40,18.25): “A quem compararei esta geração?” O termo geração denota mais caráter do que tempo. Em Mateus 12,39 e 16,4 esta geração é “má e adúltera”, uma imagem profética da infidelidade. Em Mateus 17,17 é “incrédula e perversa”. Estes

adjetivos indicam a geração do deserto “incrédula”, “má”, “pecadora” que, apesar das intervenções milagrosas e fiéis de Deus, não confiou em Deus e ficou sob o julgamento de Deus (Dt 1,35). Contudo, nas gerações passadas havia fiéis como Noé, Josué e Caleb. Como o povo do dilúvio e do deserto, “esta” geração atestara a libertação de Deus, mas rejeita a presença e o reinado de Deus, revelados em Jesus.

O veredicto desta geração sobre Jesus é equivocado, ilusório e autoincriminante. Dessa forma, “esta geração” é como crianças sentadas nas praças, a desafiarem-se mutuamente: “Nós vos tocamos flauta e não dançastes. Entoamos lamentações, e não batestes no peito!” A posição em que encontram “sentadas” pode denotar uma cena de julgamento ou de tribunal; igualmente, nas praças pode designar não somente o centro da cidade, o centro da vida pública, mas também os tribunais e, se no plural, “dias de tribunal”. A cena envolve, portanto, tribunal de justiça e de julgamento.

Jesus acentua também que o estilo de vida ascético de João: “que não come nem bebe”, é mal interpretado. Seus adversários dizem: “Um demônio está nele”. O estilo de vida diferente de Jesus também provoca oposição: “Veio o Filho do Homem, que come e bebe”. Comparado com o comportamento ascético de João, o “comer e beber” de Jesus parece normal, mas também é mal interpretado: “Eis aí um glutão e beberrão, amigo de publicanos e pecadores”, frase que significa “um filho teimoso e rebelde”, que não obedece a seus pais e deveria ser condenado à morte (Dt 21,18-21). A ironia é rica. Do ponto de vista do próprio Jesus, Ele é uma criança ou filho obediente com o qual Deus está satisfeito. Os julgadores de Jesus pronunciam um veredicto que contradiz completamente o veredicto de Deus. A segunda parte da má interpretação “amigo de publicanos e pecadores” lembra a cena de refeição de Mateus 9,9-13, onde a demonstração de misericórdia de Deus para todos, sem levar em consideração a posição econômica, social, política, de gênero ou religiosa, irritou os líderes religiosos. Esta comunidade alternativa desafia divisões hierárquicas normativas.

Resumindo, João Batista e Jesus foram condenados por “esta geração” e seus líderes. Foi um julgamento equivocado, que não tinha nenhuma relação com o propósito de Deus. Ao reivindicar o centro e pronunciar julgamento, eles se marginalizaram a si mesmos excluindo-se da vontade de Deus. “Esta geração” e seus líderes são como crianças que se recusam a participar do jogo. Julgando erradamente a Jesus e João, acabaram por se colocar a si mesmos sob o juízo de Deus. Dada a oposição a João e a Jesus que se expressa no Evangelho de Mateus, “esta geração” e seus líderes indica a elite religiosa e política da época. A elite, em geral, rotula a gente como “possuída” para marginalizar e descartar, bem como tentar desviar o desafio que ela coloca ao *status quo*.

Apesar da rejeição difundida da elite e outros, “a Sabedoria foi justificada pelas suas obras”. Jesus é a sabedoria, aquele que Deus enviou ao mundo para revelar os seus caminhos, mas foi rejeitado. Numerosos grupos debatiam onde devia ser encontrada a sabedoria, presença e vontade de Deus: em Israel e no templo de Jerusalém, no céu, em todo lugar, nas almas dos homens. Mateus afirma que a sabedoria se encontra em Jesus. As ações e palavras do Messias manifestam fielmente sua comissão, apesar das avaliações erradas oferecidas feitas contra ele. Rejeitá-lo é rejeitar a Deus. Suas obras desvendam sua identidade àqueles poucos que discernem sua revelação.

Entre os que discernem a sabedoria de Deus estão os pequeninos (Mt 11,25-27). As crianças, os pequeninos, assim como os anjos que estão próximos da glória divina, são capazes de compreender a revelação, a qual não é produto de estudo ou sofisticação. Ser criança significa ser espreitado pelos poderosos e envergonhado pelos sofisticados, como fica evidente nas tentativas da elite governante de manter as crianças quietas no templo. Além disso, é uma criança que representa ameaça para Herodes (Mt 2,1-12). As crianças, junto com o cego e o coxo, saúdam o rei manso e humilde que entra em Jerusalém e, em contraste, a hierarquia quer persuadir o rei humilde a repreender as crianças. Jesus, ao colocar as crianças no meio, desafia a declaração de que a criança não tem valor. A ela é dada atenção quando recebe a sabedoria de outra experiência.

Os discípulos de Jesus têm a iluminação divina para praticar sua sabedoria e a manifestam ao colocar as necessidades humanas antes das instituições e tradições (Mt 12,6). Como resultado, eles são repreendidos pelos supostamente sábios (Mt 12,24), mas são as crianças que compreendem e respondem a Cristo (Mt 11,25-27). Em Mt 25,31-46, o Filho do Homem senta-se no trono da glória. Esta aparição escatológica em meio à divina glória não é somente uma expectativa remota. O Evangelho de Mateus não somente termina com os discípulos sendo confrontados com Jesus, que recebe a soberania divina (Mt 28,18-20), mas a glória se manifesta em meio às necessidades humanas. Surpreendentemente, os justos aprendem que eles, de fato, já encontraram o Filho do Homem que ocupa o trono da glória na pessoa do nu, do pobre, do faminto e do encarcerado. Não só o momento de julgamento que é trazido ao presente e seus resultados determinados pelas formas de reação em relação àqueles que não são considerados, mas nestas pessoas os discípulos encontram a presença do Filho do homem que aparece na glória escatológica. Rejeitá-los é rejeitar o próprio Cristo (Mt 10,42).

Referências bibliográficas

CARTER, Warren. *O Evangelho de Mateus. Comentário sociopolítico e religioso a partir das margens*. São Paulo: Paulus, 2002.

HARRINGTON, Daniel J. *The Gospel of Mathew*. Collegeville, Minnesota: The Liturgical Press, 1991.

JEREMIAS, Joaquim. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1976, p. 121-189.

OVERMAN, J. Andrew. *Church and Community in Crisis. The Gospel According to Mathew*. Valley Forge, Pennsylvania: Trinity Press International, 1996.

SARAPU, Valdir Carlos. *“Ele é mais que um profeta. João Batista na origem da igreja”*. (Dissertação de mestrado apresentada ao Centro de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, 1999).

José Adriano Filho
Rua Athur Czartoryski, 587 – Ap. 401
Jardim da Penha
29060-370 Vitória, ES
j.adriano1@uol.com.br